

DEBATE

Educação, a chave-mestra para a globalização do trabalho

Se, antes, a Educação era um instrumento fundamental para quem buscava seu espaço no mercado profissional, atualmente ela é indispensável. A globalização torna o conhecimento imprescindível

U o mundo globalizado a educação é a principal moeda para o emprego. É a conclusão a que se chega a partir deste debate sobre Primeiro Emprego, que reuniu na Folha Dirigida a gerente de Qualificação Profissional do Centro de Integração Empresa-Escola do Rio de Janeiro (CIEE/RJ), Maria Celeste de Miranda, e o professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Neri. E o consenso entre os dois que o número de anos passados na escola não só aumenta a chance de empregabilidade dos jovens, como também amplia, para esses mesmos jovens, as chances de conquistarem os melhores salários do mercado. Com base em pesquisas, Marcelo Neri diz que cada ano de universidade representa, em média, 21% a mais de rendimento e destaca que a taxa de ocupação de jovens com formação universitária é de 87%. Amparando-se nestes indicadores e tendo como referência o Programa Bolsa-Escola, do governo federal, Neri defende o que chama de "segunda bolsa", em substituição aos programas de incentivo para que o jovem, cada vez mais cedo, ingresse no mercado de trabalho. E Maria Celeste sustenta, afirmando que "melhorar a qualificação e investir nos aspectos educacionais é o melhor caminho para enfrentar o desemprego". Confira.



Marcelo Neri, economista da Fundação Getúlio Vargas, e Maria Celeste de Miranda, do CIEE, em debate sobre Primeiro Emprego na Folha

vem, especialmente de 15 a 19 ou 20 anos. Desse modo, minha preocupação é mais com a comunidade da educação, do que com o início do ciclo profissional. Acho que com educação o jovem terá uma boa parte de seus problemas, não só do presente, mas também no futuro, encaminhada. Não resolvida, mas encaminhada.

Maria Celeste

Concordo com o professor, no sentido de que a educação é o caminho mais forte. Também concordo que primeiro deve vir a educação, devendo-se deixar a experiência profissional para frente, porque educação é a base. Apenas me refiro à falta de expectativas que percebemos nos jovens com os quais trabalhamos. Um dos referenciais do CIEE é a permanência nos bancos escolares e nossas estatísticas mostram que quando há abandono escolar, é porque o jovem não entende que a educação poderá promover seu desenvolvimento no meio social, como cidadão, e torná-lo um agente capaz de mudanças. Por isso desenvolvemos projetos com o objetivo de fazer com que nossos jovens percebam o quanto é importante frequentar a escola.

O acesso ao ensino fundamental é de cerca de 97% e eu diria que é uma cobertura extraordinária. Em compensação, a evasão começa quando chegam à 4ª série e o fútil vai até à 8ª. A porta de entrada é aberta, para todos, mas a de saída, com o curso concluído, não é.

Marcelo Neri

Sou um grande admirador do trabalho do CIEE, que conheço bem porque tive bastante contato em São Paulo, e acho que o foco deste debate é mesmo do CIEE, que atua com o jovem. E se você pode dizer que houve uma crise social no Brasil nos últimos 15 anos, ela tem a cara do jovem, e do jovem desempregado. Parabenizo a organização deste debate por escolher como primeiro tema a questão do Primeiro Emprego. Mas o que eu acho é que talvez o jovem não saiba da importância da educação para o futuro dele e eu entendo isso. Foi jovem já faz algum tempo e sei que são imediatistas. E entra a sociedade de consumo com seus apelos. Tem também as necessidades concretas da família e o jovem quer fazer alguma coisa, contribuir de algum modo, e é aí que entra a informação. E penso que tanto a Folha Dirigida quanto o CIEE e a Fundação Getúlio Vargas têm papéis fundamentais, no sentido de fornecer essa informação. O ganho para a vida toda da pessoa pode ser muito grande, e se continua a estudar. O retorno não é decrescente, é crescente. No meu

diagnóstico, falta informação ao jovem sobre o ganho com os estudos e eu conclamo nossas instituições a essa provisão de informações sobre a importância da educação. Concordo que há um certo desinteresse do jovem pela educação, mas acho que é muito mais por um problema de informação. O jovem não sabe a importância, o impacto que estudar mais tem sobre o seu futuro profissional.

Folha Dirigida

O atraso escolar, que é elevado no país, entra como um fator de desestímulo?

Marcelo Neri

Diante do avassalador problema do atraso escolar, o jovem brasileiro de 16, 17 e 18 anos muitas vezes ainda está no ensino fundamental e isso é muito ruim, porque ele se vê sem saída. Concordo que o atraso escolar seja um fator sério de desestímulo, mas eu acho que tem o problema da falta de informação. É muito importante informar o jovem sobre o impacto que a educação pode ter na sua vida. E as políticas públicas devem, também, caminhar nesse sentido, de prover com informação e não relegar para segundo plano a importância da educação.

Folha Dirigida

A escola em sua realidade objetiva, o fato de ela existir, não é o bastante para assegurar sua importância?

Marcelo Neri

É difícil precisar... mas que falta informação ao jovem, isso falta.

Folha Dirigida

Caberia ao Programa Nacional de Primeiro Emprego fazer essa pesquisa? Ele faz?

Marcelo Neri

Em relação ao Programa de Primeiro Emprego, acho que ele tem um grande mérito, pois vai no foco da crise social brasileira, que é o jovem desempregado. Mas eu discordo dele em termos de ensinamento. Vejo vários aspectos, mas vejo também vários problemas. O que o programa faz? Subsidiar a empresa para contratar, para baratear o custo da contratação do jovem. O governo subsidia o capital para que ele ofereça trabalho. É isso o que ele faz, o que defendo. Mas por que não dar o direito de escola para o jovem?

Folha Dirigida

Qual seria a alternativa ao Primeiro Emprego?

Marcelo Neri

Se o jovem preferir, no lugar de dar dinheiro para a empresa contratá-lo, daria o dinheiro a ele próprio, em forma de bolsa, para que desse continuidade aos estudos. Eu defendo esse desburo, de o Estado subsidiar o jovem. Você tem que dar o peixe, mas garantir também uma melhor pescaria futura. E essa pescaria futura ele vai conquistar na escola. Eu não acredito muito no modelo de Estado que acha que sabe tudo o que acontece na vida das pessoas. Ninguém melhor do que o jovem para saber o que é melhor para ele.

Folha Dirigida

A desocupação é um gerador de violência? Essa política de primeiro emprego pode resultar na redução dos índices de violência entre jovens?

Maria Celeste

A globalização, o processo de integração de várias economias, a redução do número de

postos de trabalho, a substituição por avanços tecnológicos, somados ao modelo econômico, a uma economia não muito desenvolvida, modesta, e o baixo investimento na área da educação, culminam no processo de exclusão. E eu acho que as duas coisas acabam atuando nesse processo de o jovem estar desempregado. Eu concordo com o Marcelo, quando ele fala que cabe a todos nós informarmos ao jovem sobre a importância da educação. São 200 mil jovens no banco do CIEE. Cerca de 40% não são um universo de 80 mil alunos não têm qualificação. E o que nós estamos tentando fazer o tempo inteiro? Que o estudante perceba que o caminho é a qualificação.

Folha Dirigida

Qual o perfil desse jovem?

Maria Celeste

São jovens afetos com a falta de modelo no lar. O pai não tem emprego e, às vezes, a mãe também não tem. Eles não querem reproduzir isso e a alternativa que vêm é quem em busca de uma primeira oportunidade, o que é muito saudável, mas casada com a educação. Costumo dizer que as duas coisas têm que caminhar lado a lado, até porque o processo educacional começa bem antes, aos 6 ou 7 anos de idade. O que não pare, que vá em frente. Eu penso que o desemprego está ligado a todas essas questões, que o jovem de continuidade a isso, que o desemprego está ligado a todas essas questões, que o jovem também que uma economia modesta e o baixo investimento em educação acabam em exclusão.

Marcelo Neri

Quero aproveitar e pegar uma carona nessa questão de violência e desemprego. Todas as pesquisas de opinião realizadas no Brasil nos últimos 7 ou 8 anos, desde a crise do emprego, apontam o desemprego e a violência como os principais problemas do brasileiro. Muda de acordo com a conjuntura, mas sempre são os dois principais. E eles têm a cara do jovem, em particular do jovem que mora nas grandes cidades. Mas mostramos também que a pobreza não está diretamente ligada à desigualdade. A violência estaria muito mais ligada à desigualdade e ao desemprego. O que os estudos mostram é que o desemprego causa não só a violência de serem tragados por atividades criminosas. A taxa de homicídios entre jovens também está relacionada com o nível de violência. E essa crise econômica e a crise do emprego geram um efeito permanente sobre a taxa de violência. Isso significa que numa sociedade cujos jovens enfrentam uma grande crise quando

estavam para entrar no mercado de trabalho e foram tragados por atividades criminosas, se a economia melhora, a tendência é de não voltarem para o mercado. É o que a gente chama de "efeito catraca". Quer dizer, o jovem que por falta de oportunidade se envolve em atividades criminosas — obviamente dentro de certos segmentos — quando a economia melhora ele não volta com facilidade, porque fica mais ou menos preso numa armadilha. Isso gera efeitos muito preocupantes a longo prazo.

Folha Dirigida

Quais consequências a globalização tem gerado sobre o mercado de trabalho para os jovens?

Marcelo Neri

É um fator importante para entendermos o momento atual. Eu diria fundamental até. Mas é mais ou menos a regra do jogo, quer dizer, o mundo globalizado vai se tornar globalizado independentemente de nós e o governo brasileiro queremos ou não. O avanço tecnológico idem: Acho que uma postura pragmática em relação a isso é darmos ferramentas ao jovem que o permitam navegar nesse mundo globalizado e tecnologicamente novo. Por isso, acho muito importantes os programas do CIEE e de outras iniciativas na área de inclusão digital. Acho fundamental fazer políticas de inclusão digital.

O jovem brasileiro vive uma corrida não só com outros jovens do Brasil, porque o mercado de trabalho está estreito, mas com os jovens de outras partes do mundo. E o Brasil está atrás nessa corrida. Se pegarmos um ranking de jovens de 15 anos entre 44 países do mundo, o Brasil é número 44 em Matemática e 43 em língua nativa. Isso implica em que no mundo globalizado a educação é fundamental.

Mas acho que a jovem mulher brasileira está muito bem nessa fotografia. Ela tem condições difíceis no mercado de trabalho, porque tem que lidar com cerca de 15% contra a mulher, mas a medida que ela está com a educação, o nome, o futuro é a mulher. No mundo globalizado, com avanço tecnológico, quem tem educação não vai ter oportunidade e o Estado vai ter uma despesa muito grande com esses pessoas. E elas vão ter uma grande frustração se não fizerem alguma coisa na juventude. Dentro dessa linha do jovem — que é 60% de totalmente compressão — de ele conquistar um espaço no mercado, acho que é importante não tirar o olho da questão da escola. Um problema no mercado, outro na escola.

Folha Dirigida

Há muito se entende que a mulher é maioria no mercado apenas nas categorias de menor remuneração. Foi a educação ou a globalização que mudou a regra?

Marcelo Neri

Tem um viés contra a mulher no mercado de trabalho, mas esse viés não está presente na educação. Pelo contrário, as mulheres inventaram a hierarquia escolar. Se você pegar pessoas de 50 anos, a educação do homem é maior do que a da mulher, mas entre mulheres de 20 a 35 anos, as mulheres têm mais educação. Então vamos olhar para as meninas, que elas são um bom retrato, porque está acelerando esse processo. É verdade que as mulheres eram alocadas no mercado de trabalho em carreiras universitárias porque faziam cursos de Pedagogia ou para o magistério. Mas hoje você tem uma transformação consistente acontecendo pela escola. E que vai deixar marcas no futuro.

Faz mais de 30 anos de comemoração do Dia Internacional da Mulher e eu acho que nesse período ela fez conquistas maravilhosas. Mas o mercado de trabalho em uma situação de desigualdade secular da história da civilização humana e sou otimista. Eu acho que as mulheres, pelo fato de elas estarem conseguindo se educar, terão mais oportunidades no mundo globalizado. É daí que eu digo: o presente é das meninas, o futuro é das mulheres. E não é o que acontece com os afrodescendentes, que não conseguiram revolucionar pela educação.

Folha Dirigida

O Programa Primeiro Emprego é destinado aos excluídos. Há, no entanto, uma legião de estudantes que chegam à universidade, se formam, mas não têm emprego. Qual o efeito do desemprego nos dois grupos?

Marcelo Neri

Eu diria que o drama do jovem excluído é muito pior do que o do jovem incluído. Pegando um pouco a sua analogia com a analogia feita pelo professor Roberto Macedo, que diz que o diploma é um instrumento que permite ao jovem surfar no mercado de trabalho e pegar as melhores oportunidades. Eu acho que o jovem que tem um diploma, e se por um diploma de qualidade, ele tem muito mais potencial. E não estou dizendo que isso é problema dele. Isso é condição necessária, mas não suficiente. Agora, o jovem que não está conseguindo avan-

“A escola não representa mais um fator de ascensão social e o jovem percebe que o diploma não é garantia de emprego”

(Maria Celeste)

“A educação pode não ser garantia de emprego, mas os dados mostram que ela causa impacto na situação econômica dos jovens”

(Marcelo Neri)

“Sem trabalho o homem não tem honra”

Continuação da página anterior



Marcelo Neri sugere que governo dê bolsa a jovem

ner na educação — e são muitos os que desistem — no mundo globalizado vai ser cada vez mais difícil ingressar. Voltando ao primeiro emprego, você tem o problema dos jovens, mas tem também o problema de outros grupos etários. Houve uma passagem na França em que um senhor carregava um cartaz que dizia “Papai, consegue um emprego” ou “se”. Se você tiver uma política para subsidiar o primeiro emprego, talvez você desempregue o pai dele. O cobrador e curte, principalmente quando se esta numa crise de emprego como a que enfrentamos há um bom tempo.

A política mais adequada é aquela que dá recursos para a escola e jovem, oferecendo opções. Ele pode ir para a escola e ficar o tempo todo, ou pode fazer alguma combinação, se for oferecido o salário mínimo por mês para ele estudar. E só para estudar, se ele assim desejar. E você estará tirando a pressão do mercado de trabalho. O desemprego mostra que não é hora de você chamar o jovem para o mercado. O não não está para péve e isso tem efeito sobre outros grupos etários. Dando opção para o jovem, ele poderá voltar para a escola, se dedicar mais e voltar para o mercado com uma melhor qualificação. E lembrando novamente o Roberto Maciel, é como se o mar estivesse com uma bandeira no vento. Não é hora de chamar para entrar no mar e não cabe ao Estado ficar colocando mais lenha na fogueira.

Maria Celeste
Nossos programas, que são subsidiados por empresas particulares e públicas com os seus recursos, oferecem bolsa para ajudar na permanência do aluno. São duas coisas importantes. Primeiro uma bolsa, que às vezes se estende por quatro meses. Segundo, o contato com os pais. Todos os nossos trabalhos têm os pais junto, porque eles são os primeiros a desviarem os filhos para alguma atividade que gere renda. E um dia você acha que fica como ilustração — para dar o tempo vivo pensando voltando ao banco escolar de 30, 32 anos, para fazer faculdade ou ensino médio, e o CIEE fazem cursos de idiomas ou de inclusão digital. E dos nossos 200 mil alunos, 60% são mulheres, 40% são homens.

Folha Dirigida
O professor Marcelino eliu uma frase que traduz o temor de o filho tirar o emprego do pai. É uma sugestão para que, no lugar de emprego para jovens, as políticas públicas sigam o viés social de atender as famílias?

Roberto Neri
O Bolsa-Família tem, de uma certa forma, subsidiar a família, garantindo que a criança de 7 a 15 anos, justamente a faixa anterior do Primeiro Emprego, frequente a escola. No Brasil dos últimos anos foi desenvolvida uma série de políticas de promoção pública. O Bolsa-Família é um bom exemplo — para dar o peixe e ao mesmo tempo ensinar a pescar. Na faixa de 7 a 15 anos, na verdade de zero a 15 anos, existe uma resposta concreta, que é o Bolsa-Família, que tem um bom desenho. Mas acho também que falta um programa do mesmo tipo para os jovens, uma segunda bolsa. Está faltando em termos de política pública. Não tenho nada contra a iniciativa do CIEE, que é privada, de empresas, e acho que tem muita criatividade nisso. O que você contra a hora de investir dinheiro público, não buscar o melhor retorno para transformar a vida das pessoas.

Se o defensor é que o jovem tem a opção de ter uma bolsa de tempo integral para estudar, se ele assim o quiser. O jovem tem o primeiro emprego ou uma segunda bolsa e não precisa pensar na sobrevivência imediata tão fortemente. É uma política desse tipo vai, inclusive, ser boa para outras gerações, quando o mercado de trabalho estiver com a bandeira vermelha.

Folha Dirigida
Se puder escolher, o jovem prefere trabalhar ou estudar?

Maria Celeste
A escola às vezes não tem muitos atrativos para o jovem e há uma necessidade de que a escola seja atrativa, que ele tenha vontade de estar lá e que ele entenda a importância de passar pelo sistema educacional, de aprender, de ter conhecimento. Da escola vem o desenvolvimento que, conjugado à experiência profissional, resultará na formação do cidadão. Atuamos nas classes populares, de jovens com necessidade de entrar no mercado de trabalho, de conseguir algo para a sobrevivência, de fazer para sair do lugar. Não há essa camada optasse pelo emprego, treinamento, ou diria que

a educação é a base de tudo. No entanto, a escola não dá liberdade para o aluno ser criativo, dinâmico, empreendedor, mas o mercado de trabalho exige essas competências. São questões que deveriam ser trabalhadas e acho que as duas coisas deveriam estar acontecendo simultaneamente, mas eu dou prioridade para a educação como base. E entendo que o aluno não vai deixar a escola com esses atributos. Contudo, acho que para muitos jovens o emprego é uma questão de sobrevivência. Não podemos fechar os olhos para a realidade à nossa volta.

Marcelo Neri
Não só a escolaridade do pai, mas especialmente da mãe é fator determinante. Grande parte da escolaridade, você gera um impacto sobre os filhos e os netos, e tem um efeito positivo em todas as gerações. E tem também uma externalidade, no sentido de que, investindo na educação de uma pessoa, não vai ser um bem só para ela e para seus filhos, no sentido privado, mas vai emanar para a sociedade. A escolaridade tem externalidade extremamente positiva. Então acho que num desenho de políticas públicas, você deve procurar subsidiar aquilo que tem mais retorno para a sociedade. A educação explica 40% da desigualdade de renda no país. Todo bem que tenha 60% que não se explica pelo rendimento. Mas os outros 40% que o Primeiro Emprego é um grande avanço e vai ser um avanço maior ainda, desde que esteja abarcando a melhoria, a contribuições.

Diferentes histórias familiares, pobres e ricos, devem ter o campo de jogos nivelado através da escola. Então, eu acho que cabe subsidiar a escola e dar a opção ao jovem de estudar. Mas não é hora de votar no futuro dele também. As políticas que acham que sabem o que é melhor para as pessoas, mais do que as próprias pessoas, são as piores. A crítica que eu faço ao Programa de Primeiro Emprego é uma crítica altamente positiva. Pouca coisa estava sendo feita pelo governo nessa área. Foi um crítico do ministro João do Fome-Zero e sou um defensor de carterista do Bolsa-Família. Por quê? Eu acho que o Fome-Zero é um programa que tinha problema de concepção e os problemas de operação decorrem disso. O Bolsa-Família tem uma boa concepção, o desafio é operacionalizar. Então acho que o Primeiro Emprego é um grande avanço e vai ser um avanço maior ainda, desde que esteja abarcando a melhoria, a contribuições.

Maria Celeste
Acho que houve até um avanço da parte dos alunos, que não só querem uma escola melhor, como participam, lidam com o pai e não se comportam de modo a achar que o pai é o professor ou o empregador. Isso está tornando a escola mais dinâmica. Claro que estou falando de uma outra classe, não da classe popular. Mas nas classes desfavorecidas também existem pais que, na sua simplicidade, nas suas dificuldades, querem o melhor e buscam o melhor. E querem que os filhos permaneçam na escola, porque eles entendem que aquele é o melhor caminho.

Marcelo Neri
De fato, é fundamental aumentar a atratividade da escola. Não adianta incentivar para o filho continuar a estudar, porque se a escola for ruim por tempo e preço. E para os jovens, a questão de inclusão digital são fundamentais, porque o jovem precisa de uma escola de qualidade. Tradicionalmente, os alunos de alta renda no Brasil frequentam escolas privadas e depois acabam ingressando numa universidade pública. O que é uma certa inversão do sistema. O que eu acho que Maria Celeste fala é em um tempo correto. Isso fundamentalmente, o que só se faz mediante avaliação.

Folha Dirigida
O emprego está necessariamente ligado ao crescimento da economia? Quais outros caminhos existem para geração de emprego e renda?

Maria Celeste
Eu acho que qualquer iniciativa para o crescimento de renda passa por uma economia mais desenvolvida e por investimentos em educação. Eu penso que qualquer iniciativa desse tipo tem que estar atrelada ao desenvolvimento.

Marcelo Neri
Eu não diria que a economia é tudo, mas combater o desemprego em época de recessão é como enxugar gelo. Mas concordando com o que foi dito, e a literatura mostra isso, que com investimento em educação a curto prazo a economia tende a crescer. E a economia está crescendo. Cresceu no ano passado 5,2%. Há quinze anos não geramos empregos formais como no ano passado. Talvez o cenário esteja mais positivo. O desafio é torná-lo sustentável ao longo do tempo. Eu acho que crescer é fundamental, mas é preciso escolher que tipo de crescimento se quer, a qualidade distributiva desse crescimento e a sustentabilidade, que passa, mais uma vez, pela educação. Toda a literatura mostra que uma variável fundamental para determinar o crescimento de um país é o nível da educação. Ela mais uma vez vai ser fundamental para as oportunidades abertas aos jovens.

Folha Dirigida
A economia solidária é uma alternativa à crise do emprego? Como vêem as iniciativas que têm sido geradas nas diversas regiões do país?

Marcelo Neri
Acho inovável como experiência localizada, mas não acho que você deva esperar mais do que ela tem a oferecer. Há empresas que fal-

Eu não diria que a economia é tudo, mas combater o desemprego em época de recessão é como enxugar gelo

(Marcelo Neri)

ram e os próprios funcionários assumiram e permitiram a sobrevivência deles e, consequentemente, de seus empregos. Mas se você pensar numa escala nacional, não sou tão otimista. O otimismo que eu tenho em relação à educação, por exemplo, eu não tenho em relação a esta iniciativa. Muitos vezes tem-se a ideia de que os mercedos são perversos, e de fato eles são duros, mas você não vai melhorar a situação dos jovens tentando protegê-los dos mercados, porque a sociedade é capitalista. O que tem que se fazer são políticas não para proteger pessoas dos mercados, mas para permitir que tenham mais poder de fogo reais, criando alavancas e instrumentos que permitam ter mais acesso ao mercado de crédito e de trabalho. Hoje em dia, numa economia cada vez mais dinâmica, globalizada, se você não tiver jovens muito bem preparados, eles vão perder na competição global. E não é uma questão só do jovem, mas da sobrevivência do país.

Maria Celeste
Como o Marcelo falou, não adianta proteger, a saída é realmente dar condições para que o jovem avance sobre todos esses aspectos já listados. Mas vejo o mercado de cooperativas como uma possibilidade. Conheço iniciativas bastante pertinentes, mas também não consigo ver algo como programa nacional.

Marcelo Neri
O Bolsa-Escola começou em Brasília e Campinas e tem uma espécie de microcrédito em Porto Alegre. No Rio de Janeiro tem o Favella-Barra. Mas observe que as grandes experiências sociais são concebidas, testadas e validadas em localidades ricas. O desafio é desenvolver essas experiências para o resto do país, principalmente para as áreas mais necessitadas, para as periferias das grandes cidades. Inclusive, várias experiências que vi de economia solidária são de L. de empresas com um nível de desenvolvimento do capital social, com um tecido social mais firme. Eu acho que pragmaticamente são experiências boas, mas é importante ver até que ponto são generalizáveis.

Folha Dirigida
A saída para o enfrentamento da crise do emprego pode ser individual?

Maria Celeste
Quando penso no emprego, no trabalho, lembro da música “Guerra Minimo” da Gracalizinha, que diz que o trabalho o homem não tem honra. E é a forma de, de fato, a coisa mais importante, é a forma divina de o homem interagir com a natureza. E é onde ele pode se expressar e sem emprego o homem não se sente útil. Há cinco anos no CIEE identificamos que havia uma necessidade muito grande de o jovem saber como iria participar do mercado de trabalho. E atuamos através de uma legislação que permite a inserção no mercado através de programas de estágio. Então eu acho que esse enfrentamento seria através de um trabalho de qualificação profissional e da permanência, volto a dizer, da permanência nos bancos escolares. Mas o fato de ele estar estudando, de estar na escola, não significa que tenha a qualificação exigida pelo mercado se ele não possui, por exemplo, a informática, não fala um segundo idioma, não domina a parte comportamental que um trabalho em equipe exige. Isso faz com que o estudante não consiga vencer a barreira da inserção. Eu creio que melhorar a qualificação e investir nos aspectos educacionais é o caminho para enfrentar o desemprego.

Folha Dirigida
Professor Marcelo, a saída para esta crise pode ser individual?

Marcelo Neri
Quando penso no emprego, no trabalho, lembro da música “Guerra Minimo” da Gracalizinha, que diz que o trabalho o homem não tem honra. E é a forma de, de fato, a coisa mais importante, é a forma divina de o homem interagir com a natureza. E é onde ele pode se expressar e sem emprego o homem não se sente útil. Há cinco anos no CIEE identificamos que havia uma necessidade muito grande de o jovem saber como iria participar do mercado de trabalho. E atuamos através de uma legislação que permite a inserção no mercado através de programas de estágio. Então eu acho que esse enfrentamento seria através de um trabalho de qualificação profissional e da permanência, volto a dizer, da permanência nos bancos escolares. Mas o fato de ele estar estudando, de estar na escola, não significa que tenha a qualificação exigida pelo mercado se ele não possui, por exemplo, a informática, não fala um segundo idioma, não domina a parte comportamental que um trabalho em equipe exige. Isso faz com que o estudante não consiga vencer a barreira da inserção. Eu creio que melhorar a qualificação e investir nos aspectos educacionais é o caminho para enfrentar o desemprego.

Nossos trabalhos têm os pais junto, porque são os primeiros a desviarem os filhos para alguma atividade que gere renda

(Maria Celeste)

Eu acho que qualquer iniciativa para o crescimento de renda passa por uma economia mais desenvolvida e por investimentos em educação. Eu penso que qualquer iniciativa desse tipo tem que estar atrelada ao desenvolvimento.

Eu acho que qualquer iniciativa para o crescimento de renda passa por uma economia mais desenvolvida e por investimentos em educação. Eu penso que qualquer iniciativa desse tipo tem que estar atrelada ao desenvolvimento.

Eu acho que sim. Podem ser políticos ou ações coletivas, mas que busquem eixos nas ações do indivíduo. Voltando à questão da diferença entre o incluído e o excluído, a diferença é que um não teve oportunidade e o outro teve. Por suas decisões pessoais, pela riqueza de sua família, pelas políticas públicas. Tem-se que pensar em criar oportunidades para o excluído através da educação, entre outras políticas. O outro, é preciso permitir que aproveite as oportunidades já existentes, como o crédito, por exemplo. No Brasil, a relação entre crédito e PIB é baixa. Tem pouco crédito no Brasil. E todo bem que as pessoas aproveitarem mais as oportunidades que tem e é entra uma questão individual. A pessoa que tem acesso a crédito, se ela não tiver um bom negócio, não vai poder implementar sua ação. O crédito é um tipo de ação que permite às pessoas aproveitarem as oportunidades já existentes, assim como esse link entre pessoas e instituições. Se tem acesso a mercados de crédito e de trabalho, através de um bom sistema de intermediação financeira que possa conectar jovens e tecnologias, as pessoas sabem o que é melhor para elas. E volto à questão da inclusão digital, porque o uso da tecnologia da informação está cada vez mais presente, e a brecha digital entre uns e outros vai implicar em desigualdades crescentes. Por isso acho que a inclusão digital é uma ação de grande importância. É tornar esta revolução em algo favorável e não como algo que venha acentuar ainda mais as desigualdades ou reduzir as oportunidades de acesso aos mercados, mas para permitir que tenham mais poder de fogo reais, criando alavancas e instrumentos que permitam ter mais acesso ao mercado de crédito e de trabalho. Hoje em dia, numa economia cada vez mais dinâmica, globalizada, se você não tiver jovens muito bem preparados, eles vão perder na competição global. E não é uma questão só do jovem, mas da sobrevivência do país.

Maria Celeste
O emprego é uma vertente, um indicador, como só a saúde e a habitação. Mas acho que outras coisas devem ser feitas, porque outras demandas são necessárias. Mas se você viver um bom tempo que possa consumir, você terá um melhor costume, uma qualidade de vida, e isto viria a rebuque de um emprego. Não diria o mesmo do emprego precarizado, que não oferece tempo para os estudos.

Marcelo Neri
Temos uma sociedade de desempregados de um lado e cada vez mais, e de workaholics de outro, que são pessoas com jornadas imensas de trabalho. Talvez uma pessoa que trabalhe 12 horas por dia não tenha chance de estudar e de fazer investimentos importantes para ela própria. Na sociedade em que vivemos, o desempregado tem problemas de um tipo, mas as pessoas empregadas têm problemas também, porque ou você está desempregado ou você está em trabalho.

Maria Celeste
É que você está assinando seu contrato de trabalho todo dia. É o caso de 80. Mas tem a questão não só do emprego, mas do trabalho, no sentido das atividades por conta própria. E sabemos que, com as tecnologias da informação, há que desenvolvemos trabalhos em casa. E isso ocorre cada vez mais. Em decorrência dos próprios encargos trabalhistas etc. A gente sabe que existe a informalidade e que as pessoas prestam serviços às empresas dentro de suas casas. E acho que a ideia do emprego formal perdeu espaço para a ideia de trabalho, que tem um sentido mais amplo. Embora saiba que as atividades por conta própria, micro-empresárias, são mais comuns entre os trabalhadores de menor renda, na faixa dos 40, 45 anos, porque são pessoas que acumularam experiência e algum ato. No entanto, acho que o jovem também precisa ter essa iniciativa e acho importante ensinar isso, dar ao jovem instrumentos de acesso a aulas de Matemática Financeira e de Gestão de Negócios. São disciplinas que cada vez mais se tornam importantes.

Folha Dirigida
Cada vez mais importantes para quem? Para o jovem empreendedor? Ou o empreendedorismo tornou-se necessário a todos os candidatos a ingressar no mercado?

Maria Celeste
É mais uma forma que estamos buscando, a de abrir o próprio negócio, de estar trabalhando, de ter mais condições de atuar na sociedade. Não se se todos, mas é uma possibilidade a mais para o jovem. Nós desenvolvemos no CIEE uma academia com oficinas que falam exatamente de temas como gestão de empreendedorismo e responsabilidade social, e verificamos que o estudante vai para a oficina de empreendedorismo porque ele tem uma vontade muito grande de ter seu negócio como uma alternativa ao emprego formal, de carteira assinada.

Folha Dirigida
Acreditam que o Programa Nacional de Primeiro Emprego abra uma brecha para a substituição da mão-de-obra adulta pela mão-de-obra jovem?

Maria Celeste
O CIEE faz parte do Conselho Social da Juventude, que é um braço do Primeiro Emprego aqui no Rio de Janeiro. A pergunta é pertinente, mas existe um mecanismo, até por conta da lei, exatamente para não permitir que se tire um trabalhador para a entrada de um jovem. O programa prevê que a empresa não pode demitir durante um ano, que é o tempo de contrato do jovem. Em relação à utilização da mão-de-obra (pode até ser, porque a gente tem) poss-

poderia ser ocupado por um trabalhador experiente.

Marcelo Neri
Eu acho que esse risco existe, embora saiba que o programa se tenha cercado de cuidados. No ano passado ele teve um desempenho bom em termos de geração de vagas e, acho, é intrínseco à natureza empresarial querer buscar custos de mão-de-obra. E se você tem uma brecha em que isso pode acontecer subsidiado pelo Estado, a tendência é que se busque esse tipo de ação. Faz parte do jogo econômico. Então, acho que tem que ser cuidado com o desenho da política. Repetindo o que já falei antes, eu não acredito muito no tipo de política que você tem que fiscalizar demais. Se o programa tem muita fiscalização, há um problema de concepção, principalmente no Brasil, onde o jeitinho é comum. Se o próprio desenho do programa você desenvolve a ideia de que tem que fiscalizar, acho que tem algum problema.

Maria Celeste
Minha preocupação não é com tirar uma pessoa para colocar outra. Minha preocupação é com o novo posto que abre, a qualificação da função nova. Em qual área o menino vai trabalhar? A brecha da utilização da mão-de-obra, e de uma mão-de-obra sem qualificação, reside talvez numa oportunidade nova, mas tira uma pessoa para colocar um jovem não acadêmico, porque vai haver fiscalização no período e não poderá haver demissões no período do programa. Agora, a abertura de uma vaga nova, não sei que tipo de vaga, a qualidade dessa vaga que está sendo aberta. Por exemplo, se for uma vaga que não permita ao estudante ir à sua escola, isso me preocupa.

Marcelo Neri
Um chefe de família desempregado também gostaria de ter acesso a uma vaga nova. Tem uma certa nostalgia de Sofia que está sendo feita, e é importante não tirar o sol com a própria mão. Uma coisa é você precisar uma pessoa para contratar e outra coisa é o programa precisa estar aberto a isso. Mas ocorre o mesmo fenômeno numa vaga nova, porque seria aberta para uma pessoa em troca de outra. Então você tem o conflito.

Maria Celeste
Eu acho que é por isso que eu falo da minha preocupação da vaga, porque se é uma vaga de 16 a 24, que é o que precisa a OIT, ela não pode ser feita em um programa que não tenha uma exigência, seria a primeira carteira assinada. Então já tem de questão pessoas mais velhas. Mas eu acho que não há preocupação de desestabilização, porque, para mim, tem que ser um espaço que dê condições ao jovem trabalhador de continuar estudando.

Marcelo Neri
Acho que de 16 a 24 anos é uma faixa ampla. Algum que tenha entre 20 a 24 anos, a probabilidade de buscar uma opção mais exclusiva de mercado de trabalho é maior. Fora o Brasil, a ideia em 2000 à resolução da OIT (Organização Internacional do Trabalho), de que abaixo de 15 anos não é permitido trabalhar. Quer dizer, até os 15 anos você proíbe, tem uma série de restrições ao trabalho, mas quando o jovem faz 16 você o chama para o mercado. Quer dizer, até os 15 é proibido estar no mercado. Quando o jovem completa os 16, o Estado fala “Vem para o mercado que eu pago”. Acho que seria bom ter uma fase de transição. Por isso defendo a segunda bolsa, no sentido de ser uma opção para o jovem, não digo dos 16 aos 24 anos, mas dos 16 aos 19. Sair de um regime de proibição para um regime de incentivo, por uma diferença de apenas um ano, acho que causa uma certa confusão na cabeça do jovem.

Maria Celeste
O anterior a isso seria o de 14 a 18, que é o adolescente aprendiz, o menor aprendiz da Lei 10.097, onde entra o fator da qualificação.

Folha Dirigida
Em quais quesitos o tiens o jovem deve estar atento, para que seu primeiro emprego tenha qualidade e o caráter dignidade, além de tempo para os estudos, como a Maria Celeste indicou?

Marcelo Neri
Não teria muita coisa a agregar no que já foi dito, mas acho que um trabalho digno, satisfatório, é aquele da escolha do jovem, para que ele faça o que gosta. Isso, na medida do possível, é muito importante.

Algum que vai perseguir uma profissão que



Mª Celeste defende tempo para estudos

A importância de medidas afirmativas

► Continuação da página anterior

não gosta, talvez, daqui a vinte anos possa chegar a falar: "Poxa, eu devia ter feito outra coisa". Mas acho que a vida profissional, principalmente para o jovem, é algo muito complicado, é algo muito complexo, porque é o começo de uma trajetória, onde se fazem escolhas. É uma fase muito problemática na vida das pessoas.

Eu acho que é preciso destacar alguns aspectos. E eu até separaria em aspectos pessoais, comportamentais, e aspectos do trabalho em si, que é o cuidado com as questões dos direitos e deveres, porque a gente sabe que às vezes existe essa questão de não dar muita atenção sobre a situação estar ou não legalizada. O jovem tem que estar atento a isso, tem que verificar se a empresa dá condição a ele de continuar estudando e que sua jornada não ultrapasse o que foi acertado no contrato. Se a empresa quer um talento, alguém que produza mais, tem que dar oportunidade para que o funcionário se prepare para lhe dar um melhor retorno.

No lado pessoal, acho que o jovem tem que entender que a carreira é um patrimônio dele, que ele tem que fazer cursos, se aperfeiçoar. Há vários ambientes proporcionando a possibilidade de ele estar o tempo inteiro procurando aperfeiçoamento ou qualificação. Eu acho que tem essa questão de trabalhar o autoconhecimento, a autoestima. Essa questão que o Marcelo falou da vocação, passa principalmente pela auto-estima e pelo auto-conhecimento. Imagina, depois de 20 anos descobrir que queria outra coisa. O CIEE hoje trabalha com isso e a gente encontra pessoas que fazem Medicina e quase no fim do curso descobrem que não era o que queriam. Imagina o que é passar oito horas lidando com algo que não te faz feliz.

Folha Dirigida

A emergência do ingresso está fazendo com que o mercado atropela a vocação?

Maria Celeste

O estágio não atropela, ao contrário, protege a vocação, porque tem que ser na área de formação, tem que

ter um supervisor e uma carga horária totalmente compatível aos estudos. E no trabalho que nós desenvolvemos dentro dos Consórcios da Juventude, do programa do governo federal, existem conteúdos educacionais incorporados à qualificação. É isto está sendo feito. Agora, no processo de estágio tem todo um aparato que dá ao jovem condições de agregar a educação à sua atividade da universidade.

Folha Dirigida

Não existe a tendência de aceitar qualquer ocupação para fugir do

desemprego?

Marcelo Neiri

O que eu acho é que o primeiro desemprego, quer dizer, essa primeira sensação de estar querendo fazer alguma coisa e não conseguir, pode gerar essa escolha. A escolha por motivos de sobrevivência imediata. Por isso eu acho que o primeiro emprego, pensando ali no programa do governo, pode ser muito importante, porque você dá ao jovem uma garantia financeira mínima e deixa de ser só uma questão de sobrevivência, de geração de renda imediata. Mas eu acho que as pessoas, numa

situação de desespero econômico, de geração de renda, passando necessidade em casa, podem, de fato, começar a conversar por certos caminhos que não são aqueles que escolheria. Eu acho que ações como o Programa Nacional de Primeiro Emprego, ou de bolsas, são boas no sentido de tirar o foco da sobrevivência imediata.

Maria Celeste

O consórcio apresenta o que o Marcelo colocou. Ele oferece uma bolsa para o aluno, no tempo em que está fazendo o curso. E o consórcio é um

braço do Programa de Primeiro Emprego do governo.

Folha Dirigida

Acredita que este programa teria melhores resultados se estivesse conjugado com outras áreas, além do Ministério do Trabalho? Neste caso, quais áreas seriam pertinentes ao programa?

Maria Celeste

Eu acho que a gente falou o tempo inteiro de escola, cidadania, mercado, oportunidade. A área da educação passa muito forte por isso e nós estamos em um braço do consórcio

em que a qualificação entra por conteúdos educacionais, tem um reforço na área da educação. Acho que o próprio trabalho nos remete à importância da educação nesse processo. Não sei como isso fica em nível ministerial, mas eu acho que hoje, quando o consórcio tem um programa de 400 horas e coloca nisso também conteúdo de reforço escolar, a educação está passando forte por esse caminho.

Marcelo Neiri

Eu acho que é muito importante a articulação de ações de uma área com outras, no caso a ação do Ministério do Trabalho com o Ministério da Educação e de Ciência e Tecnologia. Agora, como o problema do desemprego é muito metropolitano, onde se tem um aglomerado de municípios, eu acho que passa por criar consórcios entre os municípios. Quero dizer que não é só essa questão entre áreas, mas entre unidades administrativas. Eu acho que o jovem, que ao meu ver é a principal vítima da crise metropolitana dos últimos 15 anos, e os dados mostram isso com muita clareza, acaba sofrendo mais, ainda herdando um certo problema dessa descoordenação que existe nas grandes cidades.

O problema do desemprego, a violência, os problemas de saúde, e nas grandes metrópoles você tem o problema de que o município X não vai encantar o problema da violência e do desemprego, porque ele acaba exportando problemas e soluções, então eu acho que na questão da juventude, no caso do desemprego, por sua característica essencialmente metropolitana, é muito importante buscar uma coordenação entre os vários atores sociais, sejam de diferentes setores, como Educação e Trabalho, sejam de diferentes níveis de governo ou diferentes instâncias administrativas do mesmo nível, como os municípios. Eu acho que quanto mais orquestrado, melhor, mas não orquestrado no sentido de um planejador geral que diz: "Você faz isso, você faz aquilo". É uma coisa mais democrática, onde os diferentes atores vão ocupando seus espaços. Assim você terá um arcabouço onde os diferentes atores poderão buscar melhor o bem comum.

Artigo

Educação superior e emprego na sociedade do conhecimento

Paulo Alcântara Gomes



vos valores aos seus produtos, priorizar a inovação, promover a inclusão digital no seu ambiente e identificar novas oportunidades de parcerias, deixando de lado conceitos seculares, vigentes desde a Revolução Industrial e totalmente superados pela presença crescente da sociedade do conhecimento.

Diferentes tipos de "aglomerados" empresariais, de cooperativas e de arranjos produtivos locais vêm se consolidando como os modelos mais adequados para o enfrentamento dos desafios que surgem nestes novos tempos, onde o acesso à informação é determinante para a vida das empresas.

Dentre as ações decorrentes das estratégias acima relacionadas destacam-se fortemente a relação com a qualificação e a formação de quadros técnicos e gerenciais e com a realização de projetos de investigação destinados à apropriação e desenvolvimento de tecnologias, cada vez mais em harmonia com os princípios norteadores do desen-

volvimento sustentável. Assim, notadamente nos países em desenvolvimento, empresas e universidades têm intensificado suas relações e procurado articular de forma mais eficaz o processo de diplomação de profissionais, com perfis de habilidades e competências compatíveis com as exigências das novas profissões e preparados para mudanças contínuas, fruto do progresso científico e tecnológico.

Dessa forma, a empregabilidade passa a ser uma decorrência da qualidade da formação e da capacidade do indivíduo de responder adequadamente à novas e diferenciadas demandas, que impõem a construção de estruturas curriculares calcadas em sólida formação básica, na interdisciplinaridade, no uso intensivo das novas tecnologias da informação e da comunicação, na motivação para um comportamento empreendedor e na articulação com a inovação tecnológica e ainda estimuladoras da educação continuada, decisiva para um "emprego dura-

douro".

Para atender aos novos requisitos, as universidades estão se reestruturando, modernizando sua base laboratorial, estabelecendo novas formas de articulação entre as várias áreas de conhecimento, fortalecendo seus programas de pós-graduação e de extensão e redefinindo suas formas de articulação com as empresas, tanto na realização de projetos de investigação que conduzam a inovações, como na própria oferta de programas especiais de qualificação e de atualização profissional.

Por outro lado, a empresa passa a ver a universidade como o seu mais poderoso aliado na busca pela competitividade, na medida em que o crescimento da primeira é consequência da qualidade dos quadros originários da segunda. Na sociedade do conhecimento, a empregabilidade e a educação estão umbilicalmente interligadas.